



MULHERES AFRODESCENDENTES E ESPAÇOS VIRTUAIS: PARA VISIBILIZAR ABERTURAS EPISTEMOLÓGICAS¹

AFRO-DSCENDANT WOMEN AND VIRTUAL SPACES: TO VISUALIZE EPISTEMOLOGICAL BREAKTHROUGH

Francis Musa Boakari²

Emanuella Geovana Magalhães de Souza³

Resumo: A noção de epistemicídio como aniquilação dos conhecimentos produzidos pelos grupos considerados subalternos e desqualificação da sua condição humana, pode ser traduzida na prática como uma “apartação/separação epistêmica”. Pensando nos efeitos nocivos dessa separação e inclusive na inferiorização das pessoas afrodescendentes, discorreremos nesse estudo sobre algumas respostas empreendidas por um grupo de mulheres brasileiras afrodescendentes em espaços virtuais, como no *YouTube* e *Instagram*. Assim, acreditamos que essas respostas estão imbricadas de educações (BRANDAO, 1989), possibilitando outras vias/aberturas epistemológicas (SANTOS, 2007) e identitárias, como aquelas produzidas por mulheres afrodescendentes.

Palavras-chave: Epistemicídio. Mulheres afrodescendentes. *Internet*.

Abstract: The notion of epistemicide as an annihilation of the knowledge produced by groups considered subaltern and disqualification of their human condition can be translated in practice as an “epistemic separation/apartheid”. Thinking about the harmful effects of that separation and even the inferiorization of afro-descendants people, we discuss in this study about some responses undertaken by a group of afro-descendant women from Brazil in virtual spaces, such as on YouTube and Instagram. Thus, we believe that these answers are intertwined with educations (BRANDAO, 1989), enabling other epistemological (SANTOS, 2007) and identity pathways, such as those produced by afro-descendant women.

Keywords: Epistemicide. Afro-descendant women. *Internet*.

¹ Artigo recebido em 29 de maio de 2019 e aceito para publicação em 11 de setembro de 2019.

² Pós-doutorado na Auburn University; Professor da Universidade Federal do Piauí, Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE), Programa de Pós - Graduação em Educação (PPGED); Coordenador do Núcleo de Estudos RODA GRIÔ - GEAFro: Gênero, Educação e Afrodescendência. E-mail: musabuakei@yahoo.com.

³ Mestra em Educação (Programa de Pós-graduação em Educação - PPGED) da Universidade Federal do Piauí (UFPI); Integrante do Núcleo de Estudos RODA GRIÔ - GEAFro: Gênero, Educação e Afrodescendência. E-mail: slts.emanuella@gmail.com.

Para começo de conversa

A sociedade brasileira marcada por relações raciais desiguais se camufla através da falsa concepção de democracia racial. Permeada de desigualdades e discriminações raciais-gênero-classe, de maneira interconectada, estigmatizam e violentam constantemente membros de grupos marginalizados como os afrodescendentes, em especial, as meninas e mulheres desse mesmo segmento racial. Essas relações desiguais se perpetuam em várias esferas dos nossos cotidianos, continuamente modificados pelas tecnologias de informação sem, contudo mudar as essências das mensagens.

As relações raciais vivenciadas no Brasil se apresentam de maneira diluída e fluída. O racismo, entendido como um comportamento aversivo em relação às pessoas de “[...] pertencimento racial observável através de sinais diacríticos tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.” (GOMES, 1995, p. 54) também, se trata de uma ideologia que outorga a existência de raças superiores e inferiores. Dizemos que o racismo se apresenta de maneira viscosa porque a sociedade brasileira insiste em acobertar a existência do mesmo, de forma camuflada ele vai se perpetuando em nossos cotidianos.

A ideia de raça que ajudou a manter o colonialismo (TORRES, 2007) foi também fator responsável para a legitimação da dominação e inferiorização dos povos dominados pelos colonizadores europeus como aponta Quijano (2005, p. 118): “[...] Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade”.

A raça como critério de seleção, ou melhor, imposição para “níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade” cria condições favoráveis para relações raciais-sociais desiguais. A inferioridade atrelada forçadamente aos povos dominados, como as/os africanas/os e as/os indígenas estende-se sob duas perspectivas: a desqualificação da sua própria existência como gente e na sua produção de conhecimentos. Trata-se aqui em outras palavras de uma configuração chamada de “epistemicídio” (CARNEIRO, 2005) modo de ser-pensar-agir capaz de matar povos porque a sua competência como sujeitos de sua própria história é negada, substituída por ideologias e práticas de desvalorização e autonegação.

Assim, o racismo se reinventa todos os dias. Seu aspecto diluído ganha força com o “mito da democracia racial”, que considera que

todos/as são iguais por causa da miscigenação, excluindo qualquer tipo de discriminação, violência e racismo. Mas, se olharmos para o passado, no período imperial e republicano deste país, é possível perceber que a miscigenação não passou de uma tentativa de limpeza e branqueamento dos povos afrodescendentes, como aponta Santos (2013, p. 129): “Os racistas brasileiros do Segundo Império e da Primeira República [...] julgaram que a única saída para ‘limpar’ ou ‘purificar a raça’ seria intensificar a miscigenação a tal ponto que, no futuro, o negro ou a ‘mancha negra’ acabasse desaparecendo...”.

Essa tentativa de “limpeza” e “purificação” está presente não apenas na condição humana das/os afrodescendentes, mas também, naquilo que é produzido por elas/es. E isso, nos leva novamente ao epistemicídio que contextualiza e solidifica a situação apresentada. Para Carneiro (2005) o epistemicídio além de desqualificar a produção intelectual dos povos dominados é também a desqualificação da sua humanidade e racionalidade, “[...] não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes” (2005, p. 97). E assim, separa, hierarquiza e inferioriza a sua humanidade e seus conhecimentos.

Delineia-se uma separação de maneira hierarquizada dos conhecimentos e produções culturais: de um lado, uma “pretensa universalidade epistêmica” inaugurada pelo eixo Europa-Estados Unidos e do outro lado, o lado de cá, daqueles que foram “dominados/conquistados” com conhecimentos rotulados preconceituosamente de “menor valor”. Por isso, Grosfoguel (2016) apoiado em Rabaka (2010) denomina essa separação/distinção de “*apartheid* epistêmico”. Dessa forma, entendemos que o epistemicídio se traduz melhor e objetivamente na prática como “apartheid epistêmico” ou “apartação epistêmica”, uma apartação discriminatória entre os conhecimentos.

Nesse mesmo raciocínio, Boaventura de Sousa Santos (2007) discorre que o pensamento ocidental moderno é dividido por duas linhas invisíveis, que separa o mundo em “deste lado da linha” e do “outro lado da linha”. O lado de lá prevalece os conhecimentos científicos, a filosofia, a ciência. Do nosso lado de cá, ficam os saberes, as ideologias, as idolatrias, superstições, tradições, desordem, barbárie e o senso-comum. Essas linhas invisíveis se configuram naquilo que chamamos de “apartação epistêmica”.

Pensando nas novas configurações encontradas nas sociedades contemporâneas ocasionadas pelas tecnologias de informação, percebemos que os ranços dessa “separação epistêmica” interligado com o racismo-machismo (e outras formas de desqualificação) também se fazem presentes, ganhando proporções gigantescas, visto a capacidade de conectividade e interação provocada pelo mundo virtual. No tocante a esta realidade, Umberto Eco, semiólogo italiano, observou Mario Pireddu (2015, p. 41), tinha nos lembrado como intelectual da elite que a *internet* foi responsável por “[...] ter dado a uma legião de imbecis o mesmo direito de falar de um Prêmio Nobel”. Assim, nas mídias sociais, como *YouTube*, *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, é cada vez mais comum encontrarmos mensagens de ódio, “*Fake news*”, casos de discriminação, racismos, homofobia, machismos e outros casos de violência. A tela do computador ou celular parece oferecer as pessoas certa proteção e por isso, as mesmas se sentem seguras em cometer tais “violências virtuais” como discorre Zuin (2017, p. 342), “[...] nota-se a presença cada vez maior do impulso de transmitir-se eletronicamente como uma espécie de condição de confirmação da própria identidade”.

Ao mesmo tempo, também é possível perceber movimentos de empatia e coletividade de apoio nos espaços virtuais, possibilitando compartilhamento de experiências e discussões das realidades, de fato, verdadeiras ondas de fortalecimento, onde as pessoas trocam ideias, sentimentos e vivências tanto positivas como negativas. Tornam-se lugares educativos que podem ser espaços políticos, pois como bem disse Brandão (1989, p. 08) existem educações no plural, “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar”.

Refletindo sobre essas estruturas de regulações, desqualificações e aprisionamentos, indagamos: como possibilitar aberturas epistemológicas em resposta à histórica “apartação epistêmica”? Quem pode criar fissuras objetivadas, aberturas novas na estrutura da epistemologia ainda excessivamente eurocentrada? E assim, como realizada numa outra pesquisa voltada às contribuições de mulheres editoras que responderam através da abertura de empresas de editoração de livros, à ausência de material tratando de personagens mulheres-crianças afrodescendentes (SOUZA, 2019), buscamos nesse trabalho tecer algumas considerações com vistas a desenvolver cada vez mais questionamentos incisivos sobre as desigualdades nas relações raciais

atenuadas pelo “*apartheid* epistêmico” e racismo. Logo, discorreremos nesse estudo sobre algumas respostas empreendidas por um grupo de mulheres brasileiras afrodescendentes em espaços virtuais, como no *YouTube* e *Instagram*, visando combater estruturas epistêmicas excludentes, bem como, ampliando e valorizando mais campos epistemológicos.

Conhecimentos do lado de cá: espaços virtuais como aberturas epistemológicas

Como primeiro ponto de discussão retomamos a noção de “educação” explicada por Brandão (1989), que acredita que a mesma seja plural, e por isso, “educações”. Sendo plural, ocorre de diversas maneiras, por agentes diversos, e em diferentes lugares, geralmente estendendo-se por toda nossa vida. Aprendemos constantemente, seja na rua, na escola, no trabalho, na praça, com os amigos, na *internet*, lendo livros, vendo filmes, e esses dias, até pelo telefone celular. Assim, quando mencionamos “aberturas epistemológicas”, pensamos no seu caráter educativo, ou seja, nas possibilidades de ensinamentos e aprendizagens que podem ser oferecidas e/ou despertadas no intuito de incentivar e fortalecer os diálogos, compartilhamento de experiência e, além disso, ecoar, validar e ampliar a diversidade epistêmica do “outro lado da linha”.

Com o epistemicídio o corpo afrodescendente e tudo aquilo que é dele ou produzido por ele é negado, principalmente quando “[...] esse corpo é tematizado via folclorização, exotismo ou negação. Ou então quando esse corpo é apresentado e representado como indisciplinado, lento, fora do ritmo, que não aprende, violento” (GOMES, 2017, p. 79). Essa situação pode ser encontrada nas escolas, nas universidades, nos filmes, nas novelas, nos livros, nas mídias sociais, nas publicidades e outros, como nos comportamentos policiais e de agentes judiciárias/os (SANTOS, 2013), e por isso, é urgente que os conhecimentos do lado de cá sejam explorados, livremente explicados e discutidos como forma de conhecer a diversidade dos conhecimentos existentes sem hierarquizações, como argumenta Boaventura de Sousa Santos, quando aponta a noção de pensamento pós-abissal através de uma *ecologia de saberes*: “[...] Ele confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, na medida em que se funda no reconhecimento da

pluralidade de conhecimentos heterogêneos e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles...” (2007, p. 85).

A existência desta “monocultura do conhecimento” ou da “ciência moderna” aponta para a necessidade de produzirmos respostas frente a essa situação como forma de valorizar e expandir nossas produções, conhecimentos e saberes. E com isso, desenvolver aprendizagens com as chamadas “Epistemologias do Sul” (SANTOS, 2007), ou seja, pensar a partir de conhecimentos historicamente negados e silenciados, contribuindo para a diminuição do imaginário negativo que assombra e desumaniza as/os afrodescendentes, além disso, dimensionar e valorizar os aspectos cognitivos-rationais-afetivos desse segmento da população, que ainda hoje permanece acorrentado pelas correntes do colonialismo-colonialidade.

Como possível reposta encontramos cada vez mais a proliferação de mulheres e homens afrodescendentes que se utilizam da *internet*, mais especificamente das mídias sociais e redes sociais como forma de produzir diálogos sobre os racismos, discriminações e preconceitos vivenciados, bem como, maneiras de positivar a identidade afrodescendente através de aspectos estéticos, incentivo e valorização de produtos e produções culturais, como filmes e livros que traduzem outras representações desse segmento da população. Sobre algumas das transformações ocasionadas pela *internet* Magalhães (2016, p. 135) explica que “Potencialmente, a Internet permite a qualquer usuário conhecer o que acontece no mundo e interagir com todos”.

Com a *internet*, o modo de interação/conexão entre as pessoas e com o mundo vem trazendo novas dinâmicas nas relações sociais, e mais do que isso, ocasionando ensinamentos e aprendizagens diversificados, possivelmente sem limites. Dentre as mudanças ocorridas nas telecomunicações destacamos a quantidade de informações que são disponibilizadas e acessadas de maneira rápida pelas pessoas através da *internet*. Tendo em vista a amplitude, velocidade e voracidade dessas informações enfatizamos a necessidade de alguns “filtros” capazes de diferenciar aquilo que de fato contribui para provocar rupturas na “apartação epistêmica” ou daquilo que apenas ajuda na sua manutenção por novas roupagens linguísticas e imagéticas. O caráter interativo da *internet* permite que as pessoas não apenas recebam as informações de maneira passiva, inúmeras ferramentas foram desenvolvidas para que as mesmas consigam interagir, elaborando comentários, expondo suas opiniões, debatendo e disponibilizando conteúdos até então ignorados

ou invisíveis. Tudo isto é o que proporciona outras formas de aprendizagens.

Como percebido, a *internet* está proporcionando mudanças nas relações sociais, em vários aspectos, seja individual, política, cultural e econômica. Para Castells (2014), com essas transformações vivemos numa “sociedade em rede”, ou seja, “[...] uma sociedade construída em torno de redes pessoais e organizacionais alimentadas por redes digitais e comunicadas pela Internet. E como as redes são globais e não conhecem fronteiras, a sociedade em rede é uma sociedade em rede global” (CASTELLS, 2014, p. 12, tradução nossa). Muda-se assim, a forma como algumas pessoas se conectam, interagem e percebem o mundo.

Este mesmo autor vai ainda mais longe, mencionando que as “sociedades em rede” (ou sociedades em redes) gerou um novo processo, chamado de “individualização”, ou seja, uma “sociedade centrada no Eu”. E antes que você imaginar o pior, a “individualização” não significa “isolamento”, pelo contrário, anuncia novas dinâmicas de interação: “A sociabilidade é reconstruída como um individualismo e uma comunidade em rede, através de uma busca por indivíduos com ideias afins, num processo que combina a interação online com a interação offline, o ciberespaço e o espaço local” (CASTELLS, 2014, p. 13, tradução nossa).

Para discorrer sobre algumas interfaces comunicativas na *internet*, operadas através das “sociedades em rede” e sob a égide do processo de “individualização”, trazemos as redes sociais e as mídias sociais. Entretanto, é necessário diferenciar estes dois termos, pois muitas vezes são encarados equivocadamente como sinônimos. As redes sociais na *internet* focalizam as interações entre as pessoas, como explica Telles (2011, p. 07): “[...] são ambientes que focam reunir pessoas, os chamados membros, que uma vez inscritos, podem expor seu perfil com dados como fotos pessoais, textos, mensagens e vídeos, além de interagir com outros membros, criando listas de amigos e comunidades”. Como exemplos, citamos: *Facebook*, *Google +*, *Twitter*, *Instagram*, entre outros. Por outro lado, as mídias sociais são mais abrangentes, podendo ser tanto a troca de interação como de conteúdo, “[...] são plataformas na Internet construídas para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos” (TELLES, 2011, p. 08). Alguns exemplos de mídias sociais: *YouTube*, *Blogs*, *Whatsapp*, *Viber* e outros.

Dentre as redes sociais mais utilizadas no Brasil, a saber, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, escolhemos este último espaço virtual para

tecer algumas ponderações, pois o mesmo vêm ganhando maior visibilidade e adeptos/as visto seu caráter dinâmico, rápido e interativo. Silva (2017, p. 41) descreve essa plataforma como “[...] uma espécie de portfólio para produtores de conteúdo, e permite que o indivíduo estabeleça sua marca pessoal através da história contada pelas fotos organizadas em seu perfil. [...] prioriza o uso de imagens e textos curtos”. Como apontou a autora, o uso de imagens e textos curtos e de leitura rápida tem garantido uma maior aderência das/os internautas nessa rede social. Além disso, essa plataforma ainda se utiliza de outras funções que tentam aproximar cada vez mais as pessoas, gerando ondas de “sociabilidade”. Essas funções são as “histórias” ou “*stories*”, que permitem que as pessoas postem fotos, vídeos e textos sucintos que expiram num prazo de 24 horas, arquivamento de fotos em ordem cronológica e o “*IGTV*” ou “*TV do Instagram*”, ferramenta que permite a postagem de vídeos mais longos verticalmente.

Em relação às mídias sociais citadas anteriormente, iremos enfatizar o *YouTube*, pois, vem conquistando muitas/os internautas. Sobre o surgimento desta plataforma, trouxemos a seguinte explicação, a saber, “Fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal, o site YouTube foi lançado oficialmente sem muito alarde em junho de 2005” (BURGESS et al., 2009, p. 17). De lá pra cá, passaram-se 14 anos, e o *YouTube* conseguiu capturar a atenção e utilização das/os internautas, pois como afirma Maurício Mota e Suzana Pedrinho (2009, p. 09): “O fascínio da imagem atinge seu ápice quando nós somos a própria mensagem. Talvez por isso o YouTube seja um irresistível local dessa enorme âgora virtual que, independentemente dos seus problemas e formatos, permite a cada um ser a própria mídia, celebridades do nosso cotidiano”. As pessoas parecem se sentir representadas, pois ao assistir os vídeos conseguem se identificar com os conteúdos e experiências compartilhadas.

Pretendemos agora dar maior destaque as mulheres afrodescendentes nos espaços virtuais, como forma de evidenciar seus lugares de fala, suas agências subjetivas e subjetividades sempre contextualizadas. Souza e Boakari ao comentarem sobre as resistências empreendidas por mulheres descendentes de africanas/os na literatura e em outros espaços, enfatizam a necessidade desse tipo de contribuição, pois acreditam que essas respostas de enfrentamento “[...] buscam reverter essas naturalizações construídas e impostas através dos tempos pela conjuntura do epistemicídio” (2018, p. 94-95).

Começamos com a *youtuber* Gabi Oliveira, do Rio de Janeiro, formada em Comunicação Social (UERJ) e proprietária do canal “DePretas”. Gabi ganhou o concurso “*Youtube Nextub*”, é embaixadora da marca “Seda Brasil”, está na lista de mulheres inspiradoras da “*Think Olga*” e já realizou uma palestra no “*Latin America Education Forum*” (LAEF), na Universidade de Harvard. Seu canal possui atualmente, maio de 2019, 421.197 inscritos, um número considerável. Além deste canal, a mesma utiliza o *Instagram* com o perfil “@gabidepretas”, uma extensão do seu trabalho no *YouTube*. Em seus vídeos aborda assuntos relacionados às questões raciais e a estética da mulher afrodescendente. Ao falar de suas experiências trata de assuntos como racismo, machismo, identidades, focando em fazer com que outras mulheres se identifiquem e mais do que isso, provoca reflexões e questionamentos sobre as estruturas racistas e machistas da sociedade brasileira.

Outra personagem é a Maíra Azevedo, com o seguinte canal no *YouTube* “Tia Má”. Maíra é jornalista e atualmente trabalha como colaboradora no programa televisivo “Encontro com Fatima Bernardes” da emissora Globo. A *youtuber* se descreve como “preta, gorda e nordestina”, demonstrando várias categorias interseccionais que constroem sua identidade. Em números mais recentes, obtidos em maio de 2019, o referido canal possui 83.239 inscritos. Os temas abordados em seus vídeos estão relacionados às questões raciais inter-relacionados com questões de gênero, intolerância religiosa, racismo estrutural, educação focalizada nas crianças de origem africana, identidade e aspectos estéticos das mulheres afrodescendentes. Discute esses assuntos ao mesmo tempo em que compartilha suas experiências. Maíra Azevedo também utiliza o *Instagram* para retratar esses conteúdos, bem como, outros aspectos de sua vida pessoal, podemos encontra-la com o seguinte perfil “@tiamaooficial”.

Outra afrodescendente que vem causando brechas nas armaduras ideológicas do “*apartheid* epistêmico” é a *youtuber* Ana Paula Xongani, seu canal segundo dados adquiridos em maio de 2019, possui 70.491 inscritos, discutindo temas como, estética e beleza afrodescendente, feminismo, empoderamento e autoestima da mulher afrodescendente, empreendedorismo feminino afrodescendente no Brasil e relações étnico-raciais. A *youtuber*, formada em design é sócia fundadora e estilista da Xongani (marca especializada em acessórios e roupas em vários estilos de povos africanos). Ana Paula também utiliza o *Instagram*

para socializar reflexões e compartilhar suas experiências de vida, seu perfil está nomeado como “@anapaulaxongani”.

Ao mesmo tempo, citamos o canal no *YouTube* “Afros e afins” da Nátaly Neri, voltado para moda, tutoriais de maquiagem e cabelo, mesclando reflexões importantes sobre identidade, auto aceitação, autoestima, racismo e feminismos. Assim, como as demais, Nátaly Neri usa o *Instagram* para reforçar seu canal no *YouTube*, bem como, evidenciar outras experiências, seu perfil intitula-se “@natalyneri”. Numa matéria divulgada no *site* Geledés a referida *youtuber* é descrita da seguinte forma “[...] cursando Ciências Sociais na Unifesp, ela é considerada uma *digital influencer* e tem inspirado meninas mais novas sobre feminismo e negritude...” (GELEDÉS, 2017).

“Mae da Afra” é o nome do perfil no *Instagram* de Naíse Caldas, doutora na área de Química e atualmente professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI), residindo em Teresina. A mesma possui canal no *YouTube*, porém não utiliza de maneira recorrente, por isso, focalizamos apenas na primeira plataforma citada. Seu perfil no *Instagram* trata da maternidade, em especial, das suas experiências como mulher afrodescendente e professora universitária aprendendo a ser mãe e dentro desse contexto, outras questões foram surgindo, como identidade, empoderamento infantil, racismos, desigualdades de gênero e outras reflexões relacionadas sobre as realidades vivenciadas. Trata-se de um portfólio vivo das experiências de Naíse como mãe, professora e mulher afrodescendente e de Afra, como filha, aprendendo a ser uma criança cheia de autoestima em relação ao seu pertencimento racial-gênero. O número de inscritos em seu *Instagram* (44,7 mil), disponibilizados em maio de 2019, bem como, a participação de suas/seus seguidoras/es nas fotos e vídeos demonstra que muitas pessoas gostam ou aprovam do conteúdo e experiências compartilhadas por Naíse Caldas.

Dizemos que essas mulheres afrodescendentes empreendem respostas ousadas e criativas frente à “apartação epistêmica” a favor do ocidente, bem como, de outras estruturas opressoras, como racismo e machismos, causando feridas e brechas nessas estruturas, proporcionando novos diálogos e com isso, aprendizagens e ensinamentos. Pensando nessas aberturas epistemológicas nos espaços virtuais dialogamos com Paulo Freire (1967) quando diz que os seres humanos são dotados de relações e não apenas de contatos, e por isso, “[...] não apenas está no mundo, mas com o mundo...” (p. 39). Essas

mulheres ao se desafiarem em falarem de suas realidades e experiências, se evidenciam e deste modo questionam, agem, discutem, propõem, incentivam reflexões de maneira plural, estabelecendo assim diálogos e ondas fortalecedoras de outras mulheres, em especial, as afrodescendentes.

Que diálogos estão sendo travados nesses espaços virtuais? Freire (1987) ao discorrer sobre a dialogicidade na educação diz que o fenômeno do diálogo é revelado através da palavra, e a mesma implica duas dimensões, ação e reflexão que atuando de maneira conjunta, torna-se práxis. O autor explica que a palavra sem ação, priorizando apenas a reflexão, é inautêntica, não provoca transformações, “[...] É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, por que não há denúncia verdadeira sem compromisso com a transformação, nem este sem ação” (FREIRE, 1987, p. 44). Por outro lado, se a palavra particulariza somente a ação, desvinculando-se da reflexão, “[...] se converte em *ativismo*. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo” (FREIRE, 1987, p. 44).

As mulheres afrodescendentes nos espaços virtuais, como as que vimos anteriormente, viabilizam diálogos como práxis, pois ao compartilharem suas experiências como visões de seu mundo real conseguem denunciar realidades opressoras, ajudando refletir e provocar mudanças. Conseguem inspirar outras mulheres a se aceitarem e mais do que isso, a se posicionarem frente às realidades vivenciadas. Abalam assim, as estruturas históricas e firmes da “apartação epistêmica”, dos racismos, dos machismos, das homofobias e outras formas naturalizadas de opressão. Ao dialogarem com o mundo, estabelecem relações, e por isso, concretizam aprendizagens e ensinamentos, possibilitando aberturas/vias epistemológicas e também identitárias.

Algumas (in)conclusões: o que podemos aprender?

Os sufocamentos e silenciamentos produzidos pelo epistemicídio que se revela mais como uma “apartação epistêmica”, separação entre conhecimentos e culturas, acarretam na tentativa de apagamento do corpo afrodescendente e de sua racionalidade. Falamos de “tentativas de apagamento”, porque desde períodos coloniais, as/os afrodescendentes empreendem formas de resistir às adversidades e realidades extremamente opressoras impostas a elas/eles. Por isso,

propusemos nesse estudo a necessidade de reconhecer, valorizar, expandir, ampliar e aprofundar nossos conhecimentos, culturas e experiências para provocar reflexões em relação aos espaços virtuais como aberturas epistemológicas, tratando-se assim, de espaços educativos com consequências emancipatórias para as realidades dos nossos cotidianos.

A presença objetivada e resistente de mulheres afrodescendentes nos espaços virtuais proporcionam que nossas vozes sejam proliferadas, e mais do que isso, escutadas. Precisamos que nossas vozes sejam ampliadas, mas também, recebidas, ouvidas, respeitadas e relevantemente avaliadas. Dessa forma, ajudam outras pessoas a melhor entender a realidade que vive, proporcionando outros olhares e perspectivas. A interação e diálogo no mundo virtual (que são levadas para o mundo presencial) possibilitam válidas aberturas epistemológicas que podem cada vez mais estreitar as linhas abissais do conhecimento, contribuindo com o reconhecimento das diversidades existentes no mundo, e assim, apoiar com desenvolvimento e articulação da *Ecologia de Saberes* que leva a entender-validar-trabalhar o conhecimento como “interconhecimento” nos dizeres de Boaventura de Sousa Santos (2007).

Assim, os espaços virtuais como “aberturas epistemológicas”, fissuras no eurocentrismo ensinam que precisamos reconhecer, valorizar e disseminar as formas de saber-resistir, provocando brechas e rupturas nas malhas da “apartação epistêmica”, pois, não basta apenas falarmos das realidades opressoras é necessário também fazermos com que sejamos ouvidas/os, que tenhamos espaços que proporcionem diálogos, escuta, interação e mudanças. Mudanças em nós afrodescendentes, as nossas mentalidades (FANON, 2008) e como consequência modificações em outras pessoas não descendentes explícitas/os de africanas/os que reconheçam a sua humanidade na nossa, que é a humanidade da/o afrodescendente que solidifica e animam a humanidade das outras pessoas.

As aberturas epistemológicas, como aquelas evidenciadas em espaços virtuais como *YouTube* e *Instagram*, vêm sendo reconhecidas e despertando aprendizagens com o conhecimento do lado de cá, bem como, proporcionando novos olhares e perspectivas, por isso, é fundamental que reforcemos a manutenção renovadora, criação consistente e disseminação-ampliação insistente desses espaços como forma de existência, resistência e afirmação da historicidade das/os descendentes de africanas/os. Continuamente presentes!

Referências

AZEVEDO, Maíra. **Sobre**. YouTube: Tia má. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCRBXJJWomcCATYqFbGO3Vd>. Acesso em: 07 mai. 2019.

_____. **Instagram:** @tiamaoficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/tiamaoficial/>. Acesso em: 07 maio 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

BURGESS, Jean *et al.* **YouTube e a Revolução Digital:** como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade textos. São Paulo: Aleph, 2009.

CALDAS, Naíse. **Instagram:** @mãedaafra. Disponível em: <https://www.instagram.com/maedaafra/?hl=pt-br>. Acesso em: 07 maio 2019.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005, 339 f. Tese. (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

CASTELLS, Manuel. The impact of the internet on society: a global perspective. In: OPENMIND. **Ch@nge:** 19 key essays on how internet is changing our lives. [S. l.]: OpenMind, 2014. Disponível em: <https://www.bbvaopenmind.com/wp-content/uploads/2014/03/BBVA-OpenMind-Internet-Manuel-Castells-The-Impact-of-the-Internet-on-Society-A-Global-Perspective.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GELEDES. **Fenômeno negro no youtube, Nátaly Neri é a nova colunista da Mídia NINJA.** 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/phenomeno-negro-no-youtube-nataly-neri-e-nova-colunista-da-midia-ninja/>. Acesso em: 06 mai. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

_____. **O movimento negro regulador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado.** Brasília, v. 31, nº 1, p. 25-49, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MAGALHÃES, Reia Silva Rios. Produção da pesquisa científica em redes digitais: o processo de mediação da sociedade versus o processo de mediação da produção acadêmica. In: SAID, Gustavo Forte *et al.* (orgs.). **Gestão de redes educacionais na cibercultura.** Teresina: EDUFPI, 2016, p. 133-160.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial.** Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 127-167.

MAURICIO, Mota; SUZANA, Pedrinho. Conciliando pensar e fazer com o YouTube, ou “a fábrica de presentes”. In: BURGESS, Jean *et al.* (Orgs.). **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade textos.** São Paulo: Aleph, 2009, p. 07 - 10.

NERI, Nátaly. **Sobre.** YouTube: Afro e afins por Nátaly Neri. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdKrQg/ab](https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdKrQg/about) out. Acesso em: 07 maio 2019.

_____. **Instagram:** @natalyneri. Disponível em: <https://www.instagram.com/natalyneri/>. Acesso em: 07 mai. 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. **Sobre.** YouTube: Depretas. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILj1kng>. Acesso em: 07 mai. 2019.

_____. **Instagram:** @gabidepreatas. Disponível em: <https://www.instagram.com/gabidepreatas/?hl=pt-br>. Acesso em: 07 mai. 2019.

PIREDDU, Mario. Redes e conhecimento: as dimensões do *social learning*. **Em Aberto**. Brasília, n° 954, p. 41-50, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clasco, 2005, p. 117 - 142.

RABAKA, Reiland. **Against epistemic apartheid: W.E.B Du Bois and the disciplinary decadence of sociology**. United Kingdom: Lexington Books, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos – CEBRAP**. São Paulo, n° 79, p.71-94, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em: 10 fev. de 2017.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **Direitos humanos e as práticas de racismo**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

SILVA, Ana Beatriz Fernandes Lima. **Visibilidades e invisibilidades: a mulher negra e a moda na sociedade brasileira**. 2017. 51 f. Monografia. (Bacharelado em Moda) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ufjf.br/moda/files/2018/06/C%C3%93PIA-corrigida-Trabalho-de-conclus%C3%A3o-de-curso-Ana-Beatriz-Fernandes.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2019.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de; BOAKARI, Francis Musa. Resistindo ao epistemicídio: em busca de uma literatura infantil afro-brasileira, moçambicana e angolana. **Mulemba**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 82-98, 2018.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Entre tênis e cadarços – a literatura infantil afrodescendente: o que ensina o mercado editorial brasileiro?** 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

TELLES, André. **A Revolução das Mídias Sociais: Cases, Conceitos, Dicas e Ferramentas**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2011.

XONGANI, Ana Paula. **Início**. YouTube: Ana Paula Xongani. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/xonganiartecomtecido/featured>. Acesso em: 07 mai. 2019.

_____. **Instagram:** @anapaulaxongani. Disponível em: <https://www.instagram.com/anapaulaxongani/?hl=pt-br>. Acesso em: 07 mai. 2019.

ZUIN, Antônio A.S. O YouTube e o Cyberbullying de alunos contra professores around the world. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, n. 2, p. 340-350, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271992136>. Acesso em: 20 fev. 2019.